

# **HISTORIANDO AS ARTES: UMA EXPERIÊNCIA COM O ENSINO DE HISTÓRIA NO MUNICÍPIO DE SÃO GONÇALO**

Hosana do Nascimento Ramôa

*(Universidade Federal Fluminense/ hosana.nramoa@gmail.com)*

## **Resumo**

O presente trabalho é parte de uma pesquisa de Mestrado, nele se encontra a discussão em torno do Ensino de História enquanto um espaço da ação docente, no qual se desenvolvem atividades pautadas nos saberes do professor e em sua personalidade. Trazendo alguns autores presentes na dissertação para o debate, este texto apresenta o trabalho de um professor da rede pública de ensino que também ministra suas aulas em um curso livre no Município de São Gonçalo, RJ. O curso idealizado e desenvolvido por ele tem em suas aulas o uso constante da tecnologia para o acesso as expressões artísticas através dos séculos que trazem até nós resquícios dos aspectos sociais, políticos e culturais das civilizações e sociedades anteriores ao nosso tempo. Diante de uma turma bastante heterogênea, formada por indivíduos de idades, formações e interesses distintos, o professor provoca debates em torno dos temas abordados, sem deixar de fazer referência aos aspectos atuais de nossa sociedade.

**Palavras-chave:** Ensino de História, Historiando as Artes, Saberes docentes, São Gonçalo.

## **Introdução**

Este trabalho é fruto da pesquisa de Mestrado intitulada “Produção de Presença e Produção de Sentido nas aulas de História (Tempo, formação e saberes no trabalho docente)”, nela questionamos quais seriam as possibilidades, tensões e potencialidades existentes entre os saberes docentes e as táticas por eles mobilizadas para tornar o passado presente nas aulas de História. Para realizá-la, acompanhamos três professores que trabalham no Município de São Gonçalo. Mas para este texto selecionamos a atuação docente de um desses professores: o professor Carlos José Bernardo de Medeiros.

Tendo em vista o contexto sócio político atual, no qual a Educação tem sido um dos principais temas de discussões e em que grupos, como o que defende o Programa “Escola sem Partido”, difundem ódio contra a prática docente que vise o diálogo com temáticas que não sejam unicamente pautadas nos conteúdos de ensino (PENNA, 2016), nossa investigação busca resistir a essas tentativas de desqualificação e de criminalização do trabalho dos professores, pautando o nosso estudo nas atividades que esses profissionais desenvolvem em

sala, nos saberes que mobilizam e a forma como os alunos os respondem.

Para além desse amplo contexto, a seleção de três professores em São Gonçalo não foi por acaso. Sendo o segundo município mais populoso do estado do Rio de Janeiro, sua História, como cultura e população têm sido constantemente ignorados pelos órgãos de administração pública, sendo assim, também queremos defender que o município possui profissionais que realizam trabalhos significativos, em especial na área da Educação.

Diante desses fatores motivadores, fizemos a escolha de trazer o trabalho que o professor Carlos vem desenvolvendo na cidade, pois além de professor da rede pública de ensino, ele oferece o Curso “Historiando as Artes”. O formato do curso e sua abertura a população gonçalense <sup>1</sup> nos instigaram a investigar a relação entre o Ensino de História e a mobilização dos saberes docentes em suas aulas. Sendo assim, nosso objetivo principal é compreender como o professor percebe e significa a realidade por meio do Ensino de História.

Buscando nos escritos de Maurice Tardif e Claude Lessard a lente para entender a ação docente, iremos analisar como a mobilização dos saberes docentes no processo de ensino-aprendizagem pode contribuir para os alunos desenvolverem uma visão crítica acerca do mundo e de sua realidade. Além disso, a diferenciação que Michel de Certeau nos traz sobre espaço e local tem por objetivo direcionar nosso entendimento em torno do Ensino de História enquanto um espaço de atuação docente e discente.

Esses objetivos destoam da ideia precipitada e arcaica de que uma aula de História se pauta apenas na transmissão de conteúdos e na “decoreba”, onde o professor é o transmissor e o aluno o receptor. A proposta aqui é pensar que a aula de História é caracterizada pelos indivíduos que ali se encontram; sujeitos que pensam, agem, possuem experiências e conhecimentos. E nesse encontro entre professor, alunos e História constroem sentidos, perspectivas e (re)significam a realidade.

## **Metodologia**

Para a pesquisa de Mestrado, assim como para este texto, utilizamos trechos das aulas acompanhadas. A metodologia se baseou principalmente na observação do contexto, registro fotográfico do material utilizado pelo professor, registro em um caderno de campo e gravação das atividades desenvolvidas nas aulas do curso “Historiando as Artes” - Módulo I <sup>2</sup>.

É importante ressaltar que o professor Carlos também oferece outros cursos, mas a escolha por esse ocorreu devido ao amplo conteúdo a ser estudado. Esse módulo abrangeu

---

<sup>1</sup> Moradores de cidades vizinhas também podem cursar.

<sup>2</sup> Os cursos são desenvolvidos em módulos semestrais, quando sua totalidade termina, o professor retorna ao primeiro fazendo as modificações que achar necessárias.

discussões em torno da pré-história, sociedade mesopotâmica, etrusca, egípcia, grega, romana, chegando até a Idade Média. Como nosso foco é o Ensino de História, essas aulas por tratarem de diversas civilizações e suas variadas formas de expressão social, cultural e política através da arte, se encaixaram melhor aos objetivos de nossa investigação.

Optamos pela gravação em áudio, capturado por meio de um gravador em formato digital, pelo acesso posterior que ele nos permite às falas. Além disso, é um meio menos invasivo do que utilizar gravações em vídeo, que podem intimidar e inibir os sujeitos por expor sua imagem<sup>3</sup>.

Os áudios trabalhados não foram transcritos na íntegra, tendo em vista a grande quantidade do material e o pouco tempo hábil para tal empreitada. Nosso modo de trabalhar com eles partiu do mapeamento dos arquivos pelo programa *Sound Organizer*<sup>4</sup>, que utiliza bandeiras, facilitando a localização de pontos específicos e a categorização dos trechos num documento Word.

### **Conhecendo o Curso “Historiando as Artes” e o Professor Carlos Medeiros**

O professor Carlos José Bernardo de Medeiros é um amigo de longa data, conhecido no início da minha graduação. Frequentar suas aulas foi uma experiência significativa, laços de amizade, visitas a diversos lugares, e até a criação de um grupo de teatro independente entre os alunos são alguns dos exemplos de atividades que foram possibilitadas pela inserção no curso. Poder trazer seu trabalho para a pesquisa de Mestrado é uma grande satisfação, mas este texto não tem como objetivo analisar minha trajetória enquanto aluna, e sim sua atuação docente, por isso tratarei de apresentar o professor e seu curso.

Graduado em Licenciatura Plena em Educação Artística com habilitação em História da Arte pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), com pós-graduação em História Antiga e História do Rio de Janeiro pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e História da Arte Sacra pela Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, o professor Carlos trabalha há de 28 anos no magistério.

O curso cujo nome é semelhante ao projeto cultural “Historiando as Artes” e que faz parte do mesmo, é idealizado pelo próprio professor e apoiado pela prefeitura de São

---

<sup>3</sup> Isso não significa que as gravações em áudio também não gerem timidez ou incômodo, mas sendo necessária uma maneira de acessar posteriormente as falas, e levando em conta que nem sempre o caderno de campo dará conta de anotar todas as informações a tempo, em comparação ao vídeo, o áudio se apresentou como uma alternativa mais viável em nossa pesquisa.

<sup>4</sup> Uma vantagem desse recurso é o acesso não linear a um trecho do áudio, sem que seja preciso percorrer toda a sequência, facilitando a manipulação dos dados.

Gonçalo. As aulas vêm ocorrendo semestralmente desde 1996 e atualmente é oferecido pela Secretaria Municipal de Educação através do Centro de Formação Continuada Prefeito Hairson Monteiro.

Segundo o site <[www.historiandoasartes.com.br](http://www.historiandoasartes.com.br)>, criado e administrado pelo professor, dentre os objetivos do curso está:

propiciar um estudo sobre as diferentes manifestações artísticas ao longo da história da humanidade, promovendo pesquisas, discussões e vivências nos campos das artes. Assim, palestras, pesquisas de campo com visitas técnicas, além de programação cultural fazem parte do programa das aulas que são semanais e com duração de um semestre.<sup>5</sup>

E acrescenta algumas características referentes às aulas:

Atividades culturais enriquecem o curso compreendendo visitas à exposições, galerias, museus. O ambiente das aulas é sempre descontraído, realizado em salas com todos os recursos de mídia.

O Historiando as Artes é sobretudo um espaço de convivência e aprendizagem, aberto a todos que queiram participar. Importante ressaltar que todas as atividades são inteiramente gratuitas podendo o aluno fazer quantos cursos quiser e o material didático disponibilizado para download no site [www.historiandoasartes.com](http://www.historiandoasartes.com)

Trazer o conteúdo do site se deve a dois motivos principais: o primeiro é que como ele é organizado e administrado pelo próprio professor, é interessante notar, explícitos nos trechos acima, os objetivos que busca alcançar com suas aulas, como: estudar, pesquisar e discutir acerca das temáticas e conteúdos abordados, promover atividades culturais como visitas que ampliam o leque de conhecimentos, além de incentivar a convivência e a troca entre os alunos.

O segundo motivo se pauta na ideia de complementação das aulas que o site permite realizar, onde é possível ter acesso ao material utilizado em sala e ainda a materiais extras, como fazer o download de apostilas, ter acesso a links de filmes, documentários, as fotografias dos passeios e visitas feitos com as turmas, os roteiros das visitas, a agenda das aulas, a ementa dos cursos, dentre outras informações.

Neste primeiro semestre de 2018 além do curso “Historiando a Artes” oferecido no espaço do ICBEU<sup>6</sup> as quintas pela manhã, o professor também ministra os cursos “Historiando Civilizações Antigas – Módulo Roma” as segundas a tarde no CES-S.G, “Historiando Arte Sacra” no CREFCON no turno da manhã das quartas feiras e “Historiando

<sup>5</sup> Os trechos utilizados aqui foram retirados do site do projeto e o texto está disponível em: <<http://historiandoasartes.com.br/historiando-arte/o-curso/>> Acesso em 27.05.2018

<sup>6</sup> Como o curso acompanhado foi o Historiando as Artes que ocorre no espaço foi cedido pelo ICBEU, é preciso deixar claro que o curso não tem vínculo com a Instituição, sua realização nesse ambiente se deve a amizade do professor com os responsáveis pelo ICBEU, sendo assim, ele permanece gratuito e aberto a todos que queiram fazer, como especifica no site.

Igrejas Antigas do Rio de Janeiro – Módulo II” no CES-S.G as sextas de manhã, sendo todos esses espaços localizados no Município de São Gonçalo.

O curso não é uma aula convencional voltada para um público cuja faixa etária é próxima e dividida por séries, na verdade uma das características da turma era a diversidade, sendo formada por pessoas de diferentes idades, formações, ofícios e interesses. Também não se encontra no espaço tradicional da escola, mas ainda trata-se do Ensino de História. As discussões ali desenvolvidas se pautam no estudo da História e de que forma as diversas manifestações artísticas representam a sociedade, cultura e política dos períodos abordados.

### **Ensino de História: O espaço da ação docente**

Antes de prosseguir com a discussão em torno dos saberes docentes nas aulas do professor Carlos, é necessário atentar e explicitar o que estamos entendendo por espaço da ação docente ao nos referirmos ao Ensino de História, e para isso recorreremos à distinção que Michel de Certeau (1994) propôs entre espaço e lugar.

Um lugar está associado à ideia de estabilidade e imobilidade parcial, ou seja, é a posição ocupada por elementos numa relação de coexistência, daí a máxima de que dois objetos não ocupam o mesmo lugar. “Um lugar é portanto uma configuração instantânea de posições” (CERTEAU, 1994: 201), em que os elementos situam-se posicionados ao lado uns dos outros, cada qual definido pelo lugar específico que ocupa.

Diferentemente do lugar, os espaços são configurados “pelas ações de sujeitos históricos (parece que um movimento sempre condiciona a produção de um espaço e o associa a uma história)” (CERTEAU, 1994: 203). O espaço é relacionado ao tempo, direção e velocidade, sendo caracterizado assim, por uma movimentação que se desdobra por operações que o temporalizam e circunstanciam, e não por uma estabilidade.

Ao afirmar que “o espaço é um lugar praticado” (1994: 202) Certeau nos apresenta como exemplo a palavra que se enquadraria como lugar, mas que quando falada entraria no sentido de espaço. Esse deslocamento pode acontecer por conta da ambiguidade da palavra mediante uma efetuação, que teria seu termo modificado devido a múltiplas convenções dentro de uma temporalidade.

Podemos dizer, aproximando essa diferenciação do Ensino de História, o lugar estaria associado a um território, enquanto o espaço às relações sociais, políticas e culturais que ali se desenrolam, conferindo ou mudando sentidos previamente delimitados. Sendo assim, a aula de História situada numa sala de aula pode ser

compreendida como um lugar enquanto ambiente físico, mas que se torna um espaço ao receber professores e alunos, um espaço marcado pela troca, pela ação docente e discente, pelo encontro, pelas vivências, pelos significados e sentidos que adquire.

### **A personalidade, os saberes docentes e a tecnologia nas aulas de História**

Entendendo, então, a aula de História como um espaço de produção de saber, composta por momentos únicos, onde o conhecimento é gestado como uma elaboração individual e coletiva, numa mobilização docente e discente, Maurice Tardif e Claude Lessard (2014) afirmam que as situações sociais que são caracterizadas pela interação entre seres humanos se encontram no cerne do trabalho docente.

Reportando-se aos eventos que acontecem em sala, os autores mesmo reconhecendo a originalidade associada a cada aula, também elencam algumas características que possuem certa recursividade. Eles se referem à multiplicidade, a imediatez, a rapidez, a imprevisibilidade, a visibilidade e a historicidade <sup>7</sup>, acrescentando ainda a interatividade e a significação. Contudo, antes de especificar cada um desses elementos, é preciso fazer um levantamento das principais características das aulas do professor Carlos com o intuito de traçar uma relação entre ambos.

As aulas costumam seguir uma ordem, o que não significa que sejam iguais. Geralmente o professor inicia fazendo uma revisão do que foi abordado na aula anterior. Depois, se ainda estiver lendo junto da turma um breve texto sobre o conteúdo abordado, ele dá continuidade a leitura em conjunto com a análise de obras, mas se já tiver finalizado a leitura, realiza o estudo das expressões artísticas em conjunto com seus alunos.

A aula inicia às nove da manhã, tendo um intervalo entre dez e meia e dez e quarenta e cinco, finalizando ao meio dia. Ela ocorre num auditório e sempre conta com recursos tecnológicos como computador e Datashow que são levados pelo professor. Para apresentar as imagens ou vídeos, o professor Carlos apaga as luzes e fecha as cortinas para uma melhor visualização. Permanecendo em pé e frente à turma, ele possui junto de si um mouse para acessar o computador e seus arquivos à distância.

Para realizar as análises das obras, além de relacioná-las ao que foi lido e discutido, o professor recorre ao seu arsenal de saberes, tecendo comentários e apontamentos que não estavam no texto. Contudo é preciso destacar que antes de entrar nessas análises, ele traça o panorama da época, explicitando o contexto histórico, social e político e até mesmo durante a

---

<sup>7</sup> Esses seis elementos tem por base os estudos de W. Doyle.

leitura das imagens ele não deixa de historicizar. Por fim, cabe dizer que as imagens estudadas são de uma grande variedade, podendo ser: de esculturas, de pinturas, arquitetura, desenhos, vasos, instrumentos musicais ou de guerra, utensílios, ou outros objetos.

Retornemos agora as categorias assinaladas por Tardif e Lessard. Segundo os autores a *multiplicidade* está ligada aos diversos eventos que acontecem ao mesmo tempo em aula e a *imediatez* diz respeito à ocorrência sem previsão desses eventos e que requerem adaptações e táticas dos professores para lidar com eles. E a *rapidez* assinala o desenvolvimento dos acontecimentos, sua sucessão e encadeamento na aula.

Para exemplificar e entender essas categorias dentro da aula de História, traremos alguns trechos de uma mesma aula para esse texto. A aula ocorreu no dia 22 de março do ano de 2018 e era sobre a Mesopotâmia.

A multiplicidade, a imediatez e a rapidez podem ser observadas no trecho a seguir, pois ao se reportar a imagem de uma harpa de ouro toda trabalhada com diversas imagens de animais, o professor precisou lidar com a intervenção dos alunos ao comentar sobre a música e a trajetória humana, o que rendeu mais comentários numa outra direção. Ou seja, uma sucessão de acontecimentos precisaram ser rápida e imediatamente respondidos pelo professor para se fazer entender pela turma.

*Agora é aquilo que nós já falamos, que a gente já sabe né, como a música faz parte da trajetória humana, né. A arte na verdade, a arte ela é um traço, não é, cultural do humano, não é. [Aluna: E a harpa ela tá sempre presente, não é?] A música. [Não eu digo assim, que os outros instrumentos vieram muito depois e a harpa é um instrumento bem antigo] Existe coisa mais antiga. Sabe o que que existe de mais antigo, um instrumento musical? A resposta é [Aluna: A flauta] A flauta. A flauta aparece onde? Nós vimos isso [Na pré-história] Pré-história e a flauta já aparece, não é fantástico. Como o homem e, necessita de arte, não basta a vida. Ah, tem um comercial que é fantástico daquele canal Arte e Vida, eu acho, é um canal fechado, ele fala mais ou menos assim, mais ou menos assim né, que ele mostra atividades cotidianas e aí no final, atividades cotidianas né, e entre essas atividades cotidianas, por exemplo, carregar um caminhão com verdura, sabe? Aí entre uma atividade ordinária e outra aí aparece uma obra de arte, vocês já viram esse comercial? Ah, já viram sim, eu que não estou sabendo identificar qual é o comercial, eu que não vejo televisão, já vi. E aí no final aparece: A vida não basta sem arte [Aluna: A arte existe porque a vida não basta é de Ferreira Gular] A é isso! [...] Eu tô aqui pensando, só pra não me estender muito nessa história, mas as coisas se entrelaçam, quando essa frase de Ferreira Gular, ela traduz uma verdade, né, tá faltando arte nesse momento da nossa existência, porque o mundo tá horrível, cada vez pior o mundo, né. E na medida que você não investe em arte, não investe em cultura, você embrutece né as relações. O mundo tá embrutecido, entendeu? Então cada vez mais as relações elas estão embrutecidas, há um processo de desumanização<sup>8</sup>.*

A *imprevisibilidade* também se encontra numa aula em que acontecimentos podem surgir de maneira inesperada e imprevista, mesmo que haja planejamento por parte do

<sup>8</sup> Procuramos não modificar e nem “arrumar” as falas aqui apresentadas.

professor, como no caso citado, a referência a uma propaganda contemporânea não fazia parte do tema da aula.

Tardif e Lessard também indicam a dimensão pública de uma aula que se realiza na presença de um grupo de pessoas com a categoria de *visibilidade* que a aula carrega. Além dessas dimensões, as interações entre os sujeitos ali presentes ocorrem em meio uma trama temporal, sendo assim, a *historicidade* dentro da qual os acontecimentos se sucedem estabelece um sentido que tende a condicionar as ações seguintes de diversas maneiras e como vimos, mesmo tratando-se de um assunto sobre uma civilização antiga, não se pôde fugir da menção à temporalidade presente.

Esses elementos caracterizam a sucessão de eventos em aula devido à natureza interativa e significativa do que nela se produz. “Ensinar é um trabalho interativo” (TARDIF & LESSARD, 2014: 235), o que quer dizer que é no espaço de desenrolar das interações que a docência se efetiva. Ou seja, a posição da aluna acima, foi fundamental para o desenvolvimento dos eventos seguintes. Uma aula não se faz apenas com o professor, mesmo que ele seja essencial nessa interação, ela somente ocorre com a presença dos alunos.

Tendo em vista que o trabalho docente é uma atividade heterogênea, a *interatividade* ocorre por finalidades diversas e uma delas pode ser a *significação*. Ao ensinar os professores mais do que interpretar, estão construindo sentidos e o que vemos na fala do professor Carlos é a tentativa de construir um sentido traçando uma relação entre a falta de investimento em arte e cultura e o embrutecimento das relações.

A docência enquanto uma interação personalizada com os alunos para obter sua participação no processo de ensino e atender suas diferentes necessidades, está vinculada a experiência de vida do professor. Sua personalidade passa a ser um meio fundamental de realização de seu trabalho, já que “ensinar, portanto, é colocar sua própria pessoa em jogo como parte integrante nas interações com os estudantes” (TARDIF & LESSARD, 2014: 268).

Com o intuito de compreender a integração da personalidade do professor no processo de trabalho, Tardif e Lessard estabelecem três características: o trabalho investido, o emotional labor e o mental labor. O trabalho investido diz respeito ao engajamento de si mesmo, ou seja, o professor investe a si mesmo como pessoa em seu trabalho. O emotional labor traz a ideia de que a personalidade junto às emoções e a afetividade fazem parte do trabalho docente, vai além das capacidades físicas e mentais, envolvendo o afetivo, a sensibilidade do profissional. Enquanto o mental labor se refere à carga de trabalho vivida

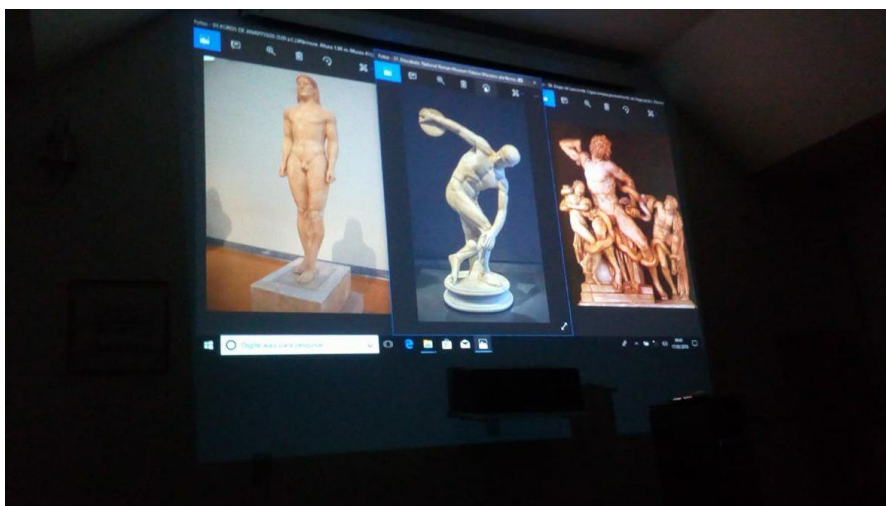


internamente, grande parte de seu pensamento é seu trabalho.

Essa perspectiva reforça a questão do estilo de ensino de cada professor. Ao trazer sua personalidade, a interação e a significação a sua prática, o professor desenvolve suas próprias relações com seus alunos e seu jeito próprio de ensinar. Junto a esses fatores, o que também marca seu estilo são os saberes que dispõe e faz uso.

A fotografia abaixo ajuda a perceber um pouco como a personalidade do professor Carlos está vinculada a seu modo de dar aula. Essa aula ocorreu no dia 17 de maio de 2018 e era sobre a sociedade e arte grega e como a representação humana através da escultura foi se modificando ao longo do tempo. Para que as mudanças ficassem bem perceptíveis o professor colocou uma ao lado da outra, correspondendo ao período arcaico, o período clássico e o período helenístico respectivamente.

É interessante notar como o professor faz uso da tecnologia em suas aulas, e como mencionamos as imagens são constantes, seu posicionamento lado a lado também é uma tática do professor para o melhor entendimento dos alunos. Como o formato do curso foi idealizado pelo próprio professor, não é de se estranhar que nele se encontrem aspectos de sua personalidade, uma vez que ela não se desvincula de seu modo de dar aula, pois como afirma Antonio Nóvoa “O professor é a pessoa. E uma parte importante da pessoa é o professor” (NÓVOA, 1992:26).



Além de sua personalidade e seu modo de trabalhar, os saberes docentes que o professor mobiliza em sua prática numa aula de História não provêm de uma única fonte, mas de variadas fontes e de distintos momentos de sua história de vida e profissional. São saberes plurais e heterogêneos, que na atividade de trabalho

vinculam conhecimentos e um saber-fazer diversos. Dessa forma, Tardif (2014) nos apresenta as características dos saberes da formação profissional, dos saberes disciplinares, os saberes curriculares e os saberes experienciais e a relação dos docentes com eles.

Os saberes da formação profissional são aqueles que temos acesso através das instituições de formação de professores, nomeadamente as escolas normais ou as faculdades de ciências da Educação. Esses saberes ficam perceptíveis na articulação entre as ciências e a prática por meio da formação inicial ou contínua dos docentes, como no caso do professor Carlos, sua formação inicial em Artes e continuada em História.

Os professores de História estão ligados aos saberes estabelecidos pela instituição universitária e as disciplinas que oferecem. Também relacionados à formação inicial, os saberes disciplinares dizem respeito aos campos do conhecimento culturalmente e socialmente estabelecidos que presentes na sociedade, são integrados às universidades e transmitidos sob a forma de disciplinas nos diversos cursos.

Os saberes curriculares estão ligados às instituições para as quais os professores trabalham e que os direciona a objetivos, conteúdos, métodos e discursos que precisam ser apreendidos pelos docentes e aplicados em suas aulas.

No trecho abaixo, ainda da aula do dia 22 de março, demonstra claramente os saberes da formação profissional, dos saberes disciplinares, os saberes curriculares na fala do professor Carlos.

*Ai mais outra convenção, qual? Lê: frontal, de pé, com os braços flexionados, as mãos é fechadas, essa geometrização, dá pra ver essa geometrização? Tá vendo. Ah, esse tecido, aonde cobre um ombro e desnuda o outro, essa longa, longa, é, manga, dá pra ver? Então essa geometrização, né, esses padrões, não é, eles se repetem, são cânones, são regras. E aqui é interessante que somado ao que foi dito, a gente consegue ver por exemplo, não é, o tipo de roupa. O tipo de roupa também diz muito, se você pensar que esse tipo de roupa, essa manga longa, não é, ela entre outras coisas, ela tem um papel de moderação da gestualidade. Por que? Porque é pesado né, quanto mais tecido mais pesado, concorda? Não é? E aí quanto mais peso, quanto mais tecido, isso modera os movimentos. Então, você não pode ser, imagina, um patesi espalhafatoso, não combina entendeu. Você não pode ser uma pessoa espalhafatosa, até porque não convence, os teus movimentos enquanto autoridade tem que ser moderados, compreende? Então esses tecidos eles, eles já naturalmente, eles moderam, não é. Tipo assim um, entendeu um, vamos dizer um ajuste, não é. Porque a gestualidade ela diz muito, compreendeu? Não combina um patesi não é espalhafatoso, não convence, uma pessoa espalhafatosa não convence. Então nesse caso, nesse contexto que tô falando né, de época, não é, você tem que ter uma moderação. Nem demais, nem de menos, então o próprio tecido ele já, isso você vê por exemplo na toga dos imperadores romanos, e mesmo nas, na magistratura, aquelas togas não é, que são, é um tecido único, grande e aí você, aí tem um movimento né, tem uma dobradura, não é? Aí você passa pelo ombro, ajeita na cintura, joga, aquilo, é justamente, é o mesmo propósito no Império Romano. É pra moderar, então um orador, ele tem que ter entre outras coisas, domínio.*

Podemos perceber a relação entre sua formação em Artes e em História na combinação que o professor faz entre estudar a obra de arte para compreender sua época e sua sociedade, as normas e as relações. Obviamente ele segue um currículo, que não é necessariamente o escolar, mas que possui objetivos a serem alcançados por ele e por sua turma e está de acordo com os campos de conhecimento cultural e social ao qual está vinculado por sua formação. Continuando o trecho acima, podemos ver como esses saberes – da formação profissional e pedagógica, disciplinares e curriculares – têm conexão com os saberes experienciais, desenvolvidos a partir do dia a dia no trabalho e de acordo com o meio em que estão.

*Domínio do que? Não é, a oratória, não é, ela é capital. Por que que ela é capital? Porque ela convence, é pela oratória, não é, que você, ela se faz como um instrumento de persuasão. Se você tem boa oratória, um bom advogado, um excelente advogado, se ele não tiver oratória, quer dizer, não compatibiliza. Um excelente advogado tem, tem excelente oratória. Ele sabe, não é, ele sabe argumentar, ele sabe escrever, entendeu? Lógico, porque senão, ele tem que mostrar pro juiz que ele tá certo, que o que ele tá defendendo é pertinente e é inquestionável. Então se ele tiver uma excelente oratória, fatalmente ele vai ser um excelente advogado. Então o que acontece, somado a oratória a gestualidade também, isso a gente vê muito no advogado, o advogado é um pouco de, um pouco não, um excelente advogado ele é muito de ator, ele é performático, ele é teatral pra impactar, mesmo que tudo aquilo seja cênico, hã? Sim, eu tô falando numa situação de, entendeu, ele tem que convencer pela persuasão. Então a oratória, a gestualidade ela é instrumento de persuasão.*

Aqui observamos que ao relacionar seus conhecimentos acerca da arte e sociedade mesopotâmica com o exemplo romano direcionando seus comentários para o desempenho de um advogado, o professor está tentando fazer sua turma compreender que a oratória e a gestualidade, desde a aparência até o modo de se portar são importantes para persuadir. Essa tática de traçar relações entre elementos distintos está ligada a sua interatividade com seus alunos e é oriunda de sua experiência de mais de 20 anos no magistério.

Esses saberes práticos e não da prática, são integrados a ela e em parte, seus constituidores. A cultura docente que deles resulta traz todo um conjunto de representações das quais os professores fazem uso para orientar e compreender sua profissão e suas atividades diárias. “Esses saberes brotam da experiência e são por ela validados” (TARDIF, 2014: 39). Os saberes experienciais se unem a experiência individual e coletiva adquirindo a forma de *habitus* e habilidades de saber-fazer e saber-ser.

## Conclusão

Entendendo o professor como alguém que assume sua prática a partir dos significados que lhe dá, que possui conhecimentos e um saber-fazer que surge de seu exercício e que o estrutura e orienta, não podemos deixar de abordar o ponto de vista e a subjetividade do professor, compreendendo-o como sujeito individual e competente que detêm saberes específicos ao seu trabalho.

Combinando os distintos saberes e a sua personalidade, os docentes moldam suas formas de trabalhar em sala, e junto a elas as distintas maneiras de se relacionar com o estudo do passado. Sua atuação, enquanto atividade interativa com seus alunos se vale de seus saberes, em especial os oriundos da experiência, para construir uma relação com o passado e com o mundo que pode ir além da interpretação, voltando-se para a materialidade e sensibilidade relacionadas os objetos e aos sujeitos.

Sendo assim, podemos sustentar que o Ensino de História conduz a um aprendizado singular, onde se encontram e confrontam múltiplas e diversificadas vozes e que pode gerar mudanças no indivíduo enquanto um ser social, político e cultural, por meio das vivências e da incorporação de saberes.

### **Referências Bibliográficas**

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes do fazer*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, António, coord. - "*Os professores e a sua formação*". Lisboa : Dom Quixote, 1992. ISBN 972-20-1008-5. pp. 13-33.

PENNA, Fernando de A. O ódio aos professores. In: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação (Orgs.). *A ideologia do movimento Escola sem Partido: 20 autores desmontam o discurso*. São Paulo: Ação Educativa, 2016.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014

TARDIF, Maurice & LESSARD, Claude. *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. 9ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.